#196

As Flores do Imperador
Concertos de Páscoa
Prémios Gulbenkian



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

—

março

Neste número



GIROLAMO PINI, *ÉTUDE DE BOTANIQUE*, 1614 (PORMENOR)

4
As Flores do Imperador

Dois imponentes tapetes do Museu Calouste Gulbenkian, produzidos na Índia mogol no século XVII, são o pretexto para uma sedutora viagem que faz reviver o fascínio que as flores exóticas suscitaram no Ocidente. A exposição *As Flores do Imperador* apresenta manuscritos preciosos, livros botânicos profusamente ilustrados, pintura e objetos decorados que testemunham o diálogo que passou a existir, a partir do século XVI, entre o Oriente e o Ocidente, espelhando a fecunda troca de conhecimentos que se estabeleceu entre os dois mundos.

6
Sara Bichão

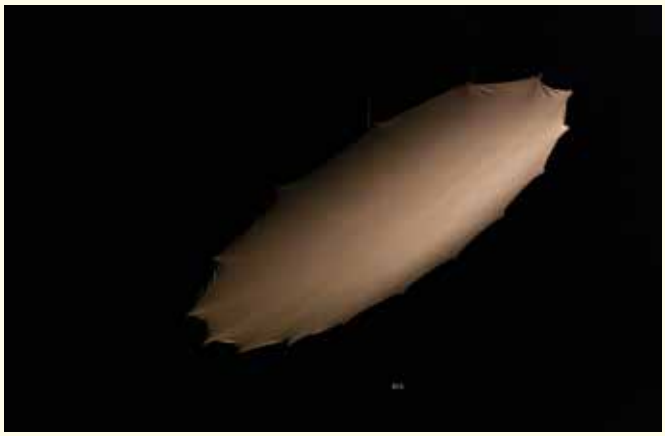
Foi tão forte a experiência de atravessar a nado, sozinha, o lago que se formou numa cratera extinta, que Sara Bichão se serviu dela para fazer nascer a exposição *Encontra-me. Mato-te*, que abre ao público a 16 de março, no Espaço Projeto da Coleção Moderna. Em entrevista, a artista fala da experiência que viveu, da exposição que dela nasceu e dos planos que tem para o futuro.



GRAINDELAVOIX © KOEN BROS

10
Concertos de Páscoa

A semana Santa traz Bach ao Grande Auditório e a *Integral dos Responsórios da Quaresma e da Semana Santa*, de Carlo Jesualdo, à Igreja de São Roque. Depois de explicada pelo compositor Alexandre Delgado, numa sessão aberta a todos, a *Paixão Segundo São Mateus*, de Bach, será cantada sob a direção de Michel Corboz. A *Integral*, dirigida por Bjorn Schmelzer, será interpretada pela formação coral Graindelavoix.



SARA BICHÃO, *ESTELA*, 2018 © CARLOS AZEVEDO

Índice

Arte
4 As Flores do Imperador
6 Sara Bichão
8 Pessoa em Madrid

Música
10 Concertos de Páscoa
11 Crítica internacional elogia gravação de Otello

Atividades educativas
12 Se os dias fossem maiores…

Notícias
13 *Tablets* nas escolas
14 A importância de se chamar Clarisse
15 A obra poética de Sophia em alemão
16 Espetáculo "Eu Maior"
18 Prémios Gulbenkian
19 Estudo sobre as paróquias portuguesas
20 Uma aposta em cientistas-gestores
21 *International Research Scholars* na Fundação Gulbenkian

Ambientes
22 Orquestra em Paris

12
Se os dias fossem maiores…

Com a chegada da primavera, a Fundação abre as suas portas para celebrar a alegria e a vida, a amizade, a poesia, a luz e a natureza. No dia 25 de março hão de poder-se capturar as sombras do jardim, fazer cadernos gráficos, construir um herbário ou dançar para festejar o fim do inverno.



© MÁRCIA LESSA

18
Prémios Gulbenkian

A Liberdade de Expressão vai ser o tema principal do Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, que todos os anos contempla trabalhos no sector dos Direitos Humanos. Além deste, serão atribuídos três prémios nacionais, direcionados para as áreas da Coesão, Conhecimento e Sustentabilidade. As candidaturas podem ser submetidas até 31 de maio.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#196 — MARÇO 2018 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — ASPETO DA EXPOSIÇÃO *AS FLORES DO IMPERADOR* © MÁRCIA LESSA / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

As Flores do Imperador

Dois imponentes tapetes do Museu Calouste Gulbenkian, produzidos na Índia mogol no século XVII, são o pretexto para uma sedutora viagem que faz reviver o fascínio que as flores exóticas suscitaram no Ocidente.

Esta exposição apresenta miniaturas, livros botânicos profusamente ilustrados, pintura, têxteis e objetos decorados que testemunham o diálogo que se estabeleceu, a partir do século XVI, entre o Oriente e o Ocidente. A chegada à corte mogol dos livros botânicos produzidos no Ocidente, levados por embaixadores, missionários e mercadores, constituíram uma fonte de inspiração para os artistas locais, originando uma nova gramática decorativa, de que estes tapetes são um fascinante exemplo.
Em torno desta exposição haverá um ciclo de quatro conferências: *A Decoração Floral na Arte Mogol* por Nuno Vassallo e Silva (21 março), *Os Jardins do Xá Jahan — Decoração Floral na Arquitetura Mogol*, em inglês, por Ebba Koch (4 abril), *Os Tapetes com Decoração Floral da Índia Mogol*, em inglês, por Daniel Walker (18 abril) e *As Histórias que as Plantas Tecem*, por António Carmo Gouveia (9 maio). As sessões realizam-se sempre às 18h e têm entrada livre.
Veja o filme de apresentação em:
https://gulbenkian.pt/museu/evento/do-bolbo-ao-tapete/



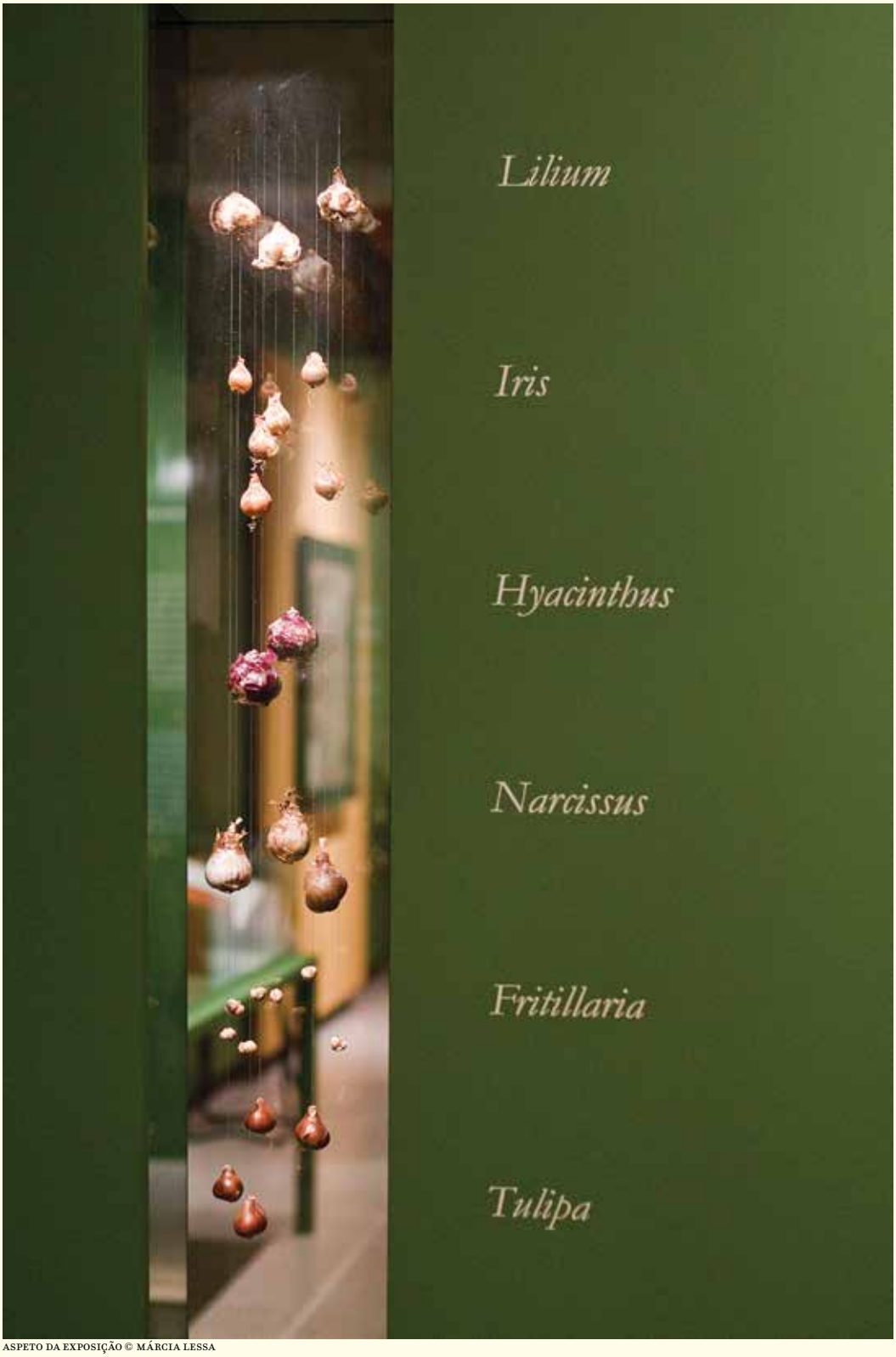
ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

AS FLORES DO IMPERADOR
Do Bolbo ao Tapete

Curadoria: Clara Serra
e Teresa Nobre de Carvalho

Coleção do Fundador
Galeria do Piso Inferior

Até 21 maio



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

Sara Bichão

"Eram águas paradas, a profundidade da cratera incerta mas decerto imensa"

Abre ao público, no dia 16 de março, a nova exposição de Sara Bichão. Uma "experiência forte" vivida pela artista é o ponto de partida para o que vai ser mostrado no Espaço Projeto da Coleção Moderna.



A ARTISTA NO SEU ATELIÊ EM LISBOA © PEDRO GUIMARÃES

Esta exposição nasce de uma forte experiência pessoal que levou Sara Bichão a questionar-se sobre si mesma: como identidade singular, com um corpo próprio, e como parte de um todo.
A artista relata a sensação de pânico que viveu num lago vulcânico quando, a meio da travessia da cratera a nado e sozinha, se apercebeu que estava no centro da mesma. Nesse momento, uma força invisível terá espoletado, na artista, a emoção expressa pelo título.
Sara Bichão (Lisboa, 1986) frequentou a prestigiada Residency Unlimited, em Nova Iorque, e realizou exposições individuais em várias cidades europeias e norte-americanas. O seu percurso tem vindo a assumir projeção internacional.
Em vésperas da sua estreia na Fundação Calouste Gulbenkian, falou-nos da experiência que esteve na génese da exposição e desvendou alguns dos seus próximos projetos.



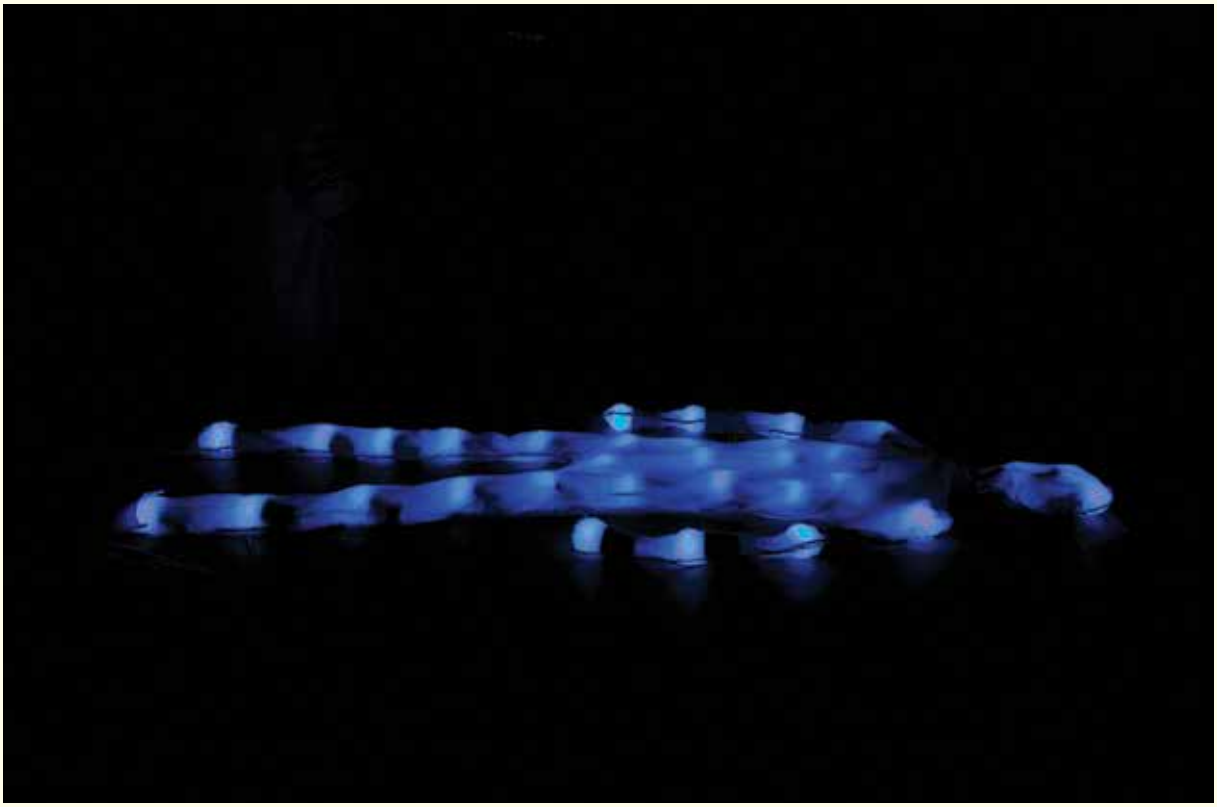
DIRECÇÃO / COURSE, 2018, MAQUETA PARA A OBRA DE GRANDES DIMENSÕES © CARLOS AZEVEDO

Pode descrever a experiência que deu origem a esta exposição?

Passou-se num lago, uma cratera vulcânica na zona de Auvergne, em França. A vontade de percorrer o diâmetro a nado, porque necessitava de concretizar um esforço ou porque a escala do perímetro me parecia relativamente pequena, espoletou a experiência. A certa altura desorientei-me. Eram águas paradas, a profundidade da cratera incerta mas decerto imensa. O meu pensamento ficou tomado por todas as variáveis que tornavam o corpo muito frágil naquela situação.

De que modo é que esta instalação traduz o sentimento que a invadiu?

Há uma zona de charneira entre o que poderia ter acontecido e o que não aconteceu que marca o tempo e a geografia desta exposição. Depois, estão vincadas inquietações que dizem respeito ao nosso corpo e, por outro lado, aos afetos. Foi uma experiência forte que dirigiu o desenvolvimento dos trabalhos. Não poderia haver nem mais nem menos obras.



X, 2018, BONECO EM TECIDO COM LEDS AZUIS © CARLOS AZEVEDO

Esta exposição representa uma continuidade ou uma rutura com o seu trabalho anterior?
A identidade que carrego de ontem não é a mesma de hoje nem será a de amanhã. Esta exposição é uma continuidade do que já fiz, mas é também um desprendimento de limites ou fixações anteriores.

Qual o momento da sua carreira que mais a marcou até agora?
Marcaram-me muitos. Mas este é o que importa neste momento, não só porque é o projeto mais recente, mas também pela responsabilidade inerente à exposição na Fundação.

Onde se sente melhor para desenvolver o seu trabalho? Lisboa? Nova Iorque?
Sinto-me muito bem em Lisboa, mas não sei se será o melhor lugar para desenvolver o meu trabalho. Depende de tantos fatores: de concretização, de luta, das emoções. Do tempo.

Que projetos tem para o futuro próximo?
Aproveito para vos convidar a visitar a exposição *Chama* — com o meu trabalho, o da Rita Ferreira e o do Pomar, no Atelier-Museu Júlio Pomar. No verão, conto ir a Houston para uma exposição coletiva e, a seguir, começo a trabalhar para um projeto que tenho desenvolvido com uma artista francesa, Manon Harrois, que poderá ser visto em Lisboa no final de 2018.

SARA BICHÃO
Encontra-me, mato-te.
Curadoria: Leonor Nazaré

Espaço Projeto — Coleção Moderna

16 mar — 4 jun 2018

Pessoa em Madrid

Mais de meia centena de obras da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian continua exposta no Museu Reina Sofía, em Madrid, até 7 de maio.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MUSEO NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFÍA, JOAQUÍN CORTÉS/ROMÁN LORES

A exposição parte da figura de Fernando Pessoa para dar a conhecer as vanguardas portuguesas do início do século XX. Com a curadoria de João Fernandes e da historiadora de Arte Ana Ara, *Pessoa. Toda a Arte É uma Forma de Literatura* reúne algumas das melhores obras produzidas entre 1914 e 1936 por artistas como José de Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Adriano Sousa Lopes, Mário Eloy, Sonia Delaunay, entre muitos outros. O percurso expositivo, estabelecido ao sabor das propostas estéticas desenvolvidas por Pessoa – "Paulismo", "Interseccionismo" e "Sensacionismo" –, junta obras de pintura, desenho, gravura e fotografia e textos que constituem uma excelente introdução ao contexto artístico do modernismo português. Esta exposição é uma coprodução entre o Museu Reina Sofía e a Fundação Calouste Gulbenkian e pode ser vista até 7 de maio.

Concertos de Páscoa

A Páscoa é celebrada com dois programas irrecusáveis: a Paixão segundo São Mateus, *de Bach e a* Integral dos Responsórios da Quaresma e da Semana Santa, *do compositor renascentista Carlo Gesualdo.*



MICHEL CORBOZ DIRIGE CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN NO CONCERTO DE PÁSCOA DE 2016 © MÁRCIA LESSA

Michel Corboz, maestro titular do Coro Gulbenkian há mais de cinco décadas, volta a oferecer a sua apaixonada leitura da monumental obra de Bach, que dirigiu pela última vez há quatro anos na temporada Gulbenkian. O maestro, nascido curiosamente no primeiro dia da Quaresma, regressa a uma das suas obras de eleição e que muitos consideram uma das mais deslumbrantes do reportório sacro ocidental. Para dar a ouvir a *Paixão segundo São Mateus* (Grande Auditório, **26 a 28 de março**), juntam-se às duas formações residentes – Coro e Orquestra Gulbenkian – o Coro Infantil da Academia de Música de Santa Cecília e os solistas Rachel Harnisch, Carlos Mena, Hans Jörg Mammel, Christophe Einhorn, Christian Immler e André Baleiro. Uma hora antes do início de cada concerto, o compositor Alexandre Delgado falará sobre esta obra, na zona de congressos, numa sessão aberta a todos.
Na Igreja de São Roque, a *Integral dos Responsórios da Quaresma e da Semana Santa* (**24 de março**) será dirigida por Björn Schmelzer e interpretada pela formação coral Graindelavoix, que na temporada passada apresentou com grande sucesso, também naquela igreja, um programa com obras de Duarte Lobo e Orazio Vecchi e Georges de la Hèle.

Crítica internacional elogia gravação de Otello

A gravação em CD da ópera Otello, *de Giuseppe Verdi, interpretada pelo Coro e Orquestra Gulbenkian sob a direção de Lawrence Foster e registada no verão do ano passado no Grande Auditório da Fundação, tem merecido críticas positivas de várias revistas da especialidade.*



A *Elegantclassics* descreve este CD como "um grande triunfo", destacando a "alta qualidade técnica" da gravação, aplaudindo também a "atenção e a expressividade" da Orquestra, "a frescura" da sua interpretação e a "coesão dos instrumentos". Quanto aos protagonistas, salienta a "extraordinária nobreza musical" de Nikolai Schukoff no papel de Otello, com os seus "belos tons agudos" e o "timbre misterioso", bem como o "trabalho excecional" de Melody Moore no papel de Desdémona, que faz com Otello um "par vocal perfeito". O Iago de Lester Lynch impressionou o crítico pela "excelente técnica" e por conseguir transmitir de um "modo expressivo" a perversidade da personagem.

Por seu lado, lembrando que as produções em estúdio são uma raridade hoje em dia, a revista *Pizzicato* destaca a gravação "tecnicamente soberba" da Pentatone. Salienta também a direção "inteligente" de Lawrence Foster, as suas "nuances e variações de sentimento" assim como a "sólida interpretação" do Coro e Orquestra Gulbenkian. A revista aponta ainda a grande extensão da voz do protagonista, um cantor no "topo da pirâmide", e ainda a boa prestação de Melody Moore, uma Desdemona com "voz harmoniosa".

Já o *Klassik.com* não tem dúvidas em afirmar que esta gravação "enriquece" a oferta discográfica desta ópera porque, sem apostar numa grande "passarela de celebridades", exibe solistas de "indubitável altíssimo gabarito". Sublinhando a prestação "irrepreensível" da Orquestra Gulbenkian, enaltece a voz celestial de Melody Moore, colocando-a "ao mesmo nível das suas colegas substancialmente mais famosas", elogiando também Nikolai Schukoff que consegue, por vezes, "agarrar o papel de forma esplendorosa e temperamental". Quanto a Lester Lynch, convence sobretudo pelo seu "timbre magnífico e pela elegância do fraseado".

Finalmente, o *SWR* da Alemanha deixa rasgados elogios a este CD, considerando-o "uma das gravações mais bem-sucedidas" da obra-prima de Verdi, salientando a "dedicação total e absoluta" de todos os intérpretes. Descreve o desempenho da Orquestra Gulbenkian como "excecional", acrescentando ser "difícil encontrar uma gravação de Otello com um coro tão harmonioso e claramente articulado".

O trabalho do maestro é visto como "meticuloso" e de "extrema boa qualidade".

Esta edição discográfica já se encontra à venda e pode ser adquirida também na loja da Fundação Gulbenkian.

Se os dias fossem maiores...

… o que seria de nós? Teríamos — e teremos — mais horas de luz para assistir ao renascer da natureza, depois dos meses de inverno. É, pois, tempo de celebrar!



© GONÇALO BARRIGA

Não é de estranhar que na Ásia Central se celebre o ano novo com a chegada da primavera. A festa de passagem de ano (o Noruz) comemora o fim dos dias mais pequenos e frios e a chegada dos tempos mais quentes e solarentos que trazem a natureza de novo à vida.
Por cá, no equinócio da primavera não festejamos o ano novo, mas também não perderemos a oportunidade de, no dia **25 de março**, celebrar a alegria e a vida, a amizade, a poesia, a luz e a natureza, de nos divertirmos e de descobrirmos um mundo cheio de coisas, desde as sombras que se escondem no jardim e que poderemos guardar para sempre um caderno gráfico, às folhas e flores que hão de dar vida a um herbário. Sozinho ou em família, imagine só o que poderá fazer com um punhado de terra, umas quantas pedras, pétalas ou sons. Prefere imaginar histórias numa oficina de escrita criativa ou eternizá-los no papel, como numa serigrafia? Puxar pela cabeça (e pelo coração) a construir uma história infinita, como o ciclo da natureza, ou cruzar o desenho científico preservado pelo museu com os meandros da sua imaginação? Percorrer o céu e a terra à descoberta dos rituais, cerimónias e costumes transportados pelas aves míticas de todo o mundo ou, porque é dia de festa, pôr o corpo a sentir o ambiente e deixar-se dançar? Será dia para festejar os dias maiores.

Tablets nas escolas: sim ou não?

A Fundação Gulbenkian quis perceber o que acontece numa escola em que os tablets *fazem parte do dia a dia. Os resultados do estudo serão apresentados no dia 13 de março.*



A ideia era simples. Alunos e professores de duas turmas de uma escola básica e secundária de Lisboa receberiam um *tablet* (para o uso que entendessem) e, durante dois anos, José Luís Ramos (professor da Universidade de Évora) e José Moura Carvalho (da Direção-Geral da Educação) estudariam a implicação da introdução deste objeto estranho no ensino e na aprendizagem. Os professores usariam a tecnologia para ensinarem melhor, de forma mais criativa e eficaz? E os alunos, aprenderiam mais? Aprenderiam melhor? No fim do projeto, Moura Carvalho chegou à conclusão de que "nem alunos nem professores são massas homogéneas". Houve alunos que usaram muito os *tablets* em casa, para diversão, outros que os usaram pouco, mas de forma eficiente; professores que nem lhes tocaram, famílias que agradeceram a oportunidade e outras que proibiram os filhos de tocar nos aparelhos. Alunos houve que utilizaram a tecnologia a seu favor, outros que baixaram as notas devido ao uso dos equipamentos, tornando-se impossível estabelecer uma relação direta entre o acesso aos *tablets* e os resultados escolares. No entanto, José Luís Ramos garante que "os alunos que mais utilizaram os *tablets*" foram também "os que mais aprenderam".

Dito isto, adianta, mesmo que a utilização das novas tecnologias possa criar problemas a alguns professores, "não há maneira de a escola proibir os dispositivos", porque estes fazem parte da vida dos alunos. E sugere: "Não é melhor ajudá-los a tirar mais partido dos *tablets*? A escola tem de se acomodar e preparar os alunos para enfrentarem a realidade que é a deles" porque, no fim de contas, "os alunos vão aprender mais e melhor quando algumas estratégias forem seguidas e outras foram eliminadas".

Na escola, o projeto teve um "grande impacto", garante Maria José Soares, a diretora do agrupamento que o pôs em prática. Não tem dúvidas de que os *tablets* "facilitam a aprendizagem", e que "há maior motivação". O entusiasmo foi tanto que já criaram um espaço inovador onde "o aluno pode ser o seu próprio foco de aprendizagem", sem recurso ao professor, e tem tido muito sucesso.

Os resultados do projeto, publicados no estudo *Tablets no Ensino e na Aprendizagem. A sala de aula Gulbenkian: Entender o presente, preparar o futuro*, serão apresentados no dia 13 de março, às 18h, na Fundação.

A importância de se chamar Clarisse

Clarisse Bernardino, 15 anos, foi a vencedora da 2.ª edição do concurso Dá Voz à Letra, realizada em fevereiro na delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian. Samuel Ferreira e Lauryne Moura ficaram também entre os dez melhores leitores de língua portuguesa em voz alta.

Quando Catarina Furtado, em nome do júri, anunciou o seu nome, Clarisse olhou incrédula: seria mesmo ela a vencedora depois de os colegas terem lido tão bem? O dia tinha sido muito cansativo: levantar cedo no fim de uma semana intensa de trabalho escolar, ensaiar e repetir entradas e marcações de palco, repetir textos e corrigir posturas. Aqui e ali, eram mais que visíveis os sinais de cansaço nos rostos dos jovens, entre os 15 e os 18 anos, que chegaram a esta final. Os textos escolhidos pela escritora e crítica literária Helena Vasconcelos exigiam concentração e entrega, mas também alegria e boa disposição.



SAMUEL FERREIRA, CLARISSE BERNARDINO E LAURYNE MOURA © D.R.

Segura e séria, Clarisse lia Pessoa — "não há relação entre a solenidade e a verdade" —, com voz madura a desmentir o seu ar adolescente. Foi assim desde o início, logo que se apresentou em vídeo a ler Clarice Lispector: "Quando fazemos tudo para que nos amem, e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada." Clarisse a ler outra Clarice, fruto do deslumbre de sua mãe pela escritora de origem ucraniana que o Brasil acolheu e naturalizou. O 1.º prémio no concurso vai valer-lhe uma viagem de quatro dias até Lisboa para praticar uma língua que não fala correntemente na escola, em França. Ao júri composto, ainda por João Pinharanda, adido cultural em Paris, e Bruno Belthoise, músico francês e entusiasta da língua portuguesa, não escaparam também as prestações de Samuel Ferreira, de 15 anos, e de Lauryne Moura, de 17, que conquistaram os 2.º e 3.º lugares, respetivamente, e a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o Português com os *ebooks* da Porto Editora incluídos nos iPad que receberam.

O concurso Dá Voz à Letra foi criado para incentivar a leitura nos jovens entre os 15 e os 18 anos e já teve edições em Lisboa e no Porto. Realizou-se pelo segundo ano consecutivo em Paris e os contemplados foram os estudantes das escolas da Île-de-France — Créteil, Paris e Versalhes.

A obra poética de Sophia em alemão

O primeiro livro em língua alemã sobre a obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen foi publicado por uma das mais reconhecidas editoras de trabalhos académicos mundiais, a De Gruyter.



SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN © FERNANDO LEMOS, 1949
MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN / COLEÇÃO MODERNA

A obra *Resistência Poética no Estado Novo: a Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*, da autoria da investigadora Diana Gomes Ascenso, adapta a sua dissertação de doutoramento, apresentada no Instituto de Estudos Românicos da Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin).
A investigadora foi a primeira doutoranda a frequentar o Programa Doutoral Gulbenkian em Literatura e Cultura Portuguesas, criado naquela Universidade com o apoio da Fundação.
Este Programa patrocina a investigação e a produção de trabalhos académicos de excelência, inovadores e transdisciplinares, selecionados em concurso internacional.

O livro está disponível *online*:
https://www.degruyter.com/view/product/48118?format=G

Eu Maior

Mais de 60 crianças com e sem necessidades educativas especiais subiram ao palco do Grande Auditório, no dia 20 de fevereiro, para um espetáculo de dança, teatro e música

Crianças e jovens de escolas públicas de Lisboa juntaram-se a quatro bailarinos da CiM – Companhia de Dança, para apresentarem, no Grande Auditório, o culminar do seu trabalho à volta da inclusão. O espetáculo Eu Maior, que teve lugar dia 20 de fevereiro, decorreu no âmbito do projeto artístico e inclusivo Geração Soma, inserido no programa PARTIS - Práticas Artísticas para Inclusão Social, da Fundação Gulbenkian.
Num palco cheio de caixas de cartão, as crianças transformaram as suas fragilidades em superpoderes. Foram, de facto, as estrelas deste espetáculo multidisciplinar, em que as fragilidades de cada um são ultrapassadas pelo movimento e pela arte e ninguém fica para trás. "Soma-te a Ti" e ao Outro é a mensagem do projeto, porque, como se ouviu uma das crianças dizer no fim, "se todos acreditarmos isto vai lá, pá, isto vai lá!".

Fotografias de Henrique Frazão







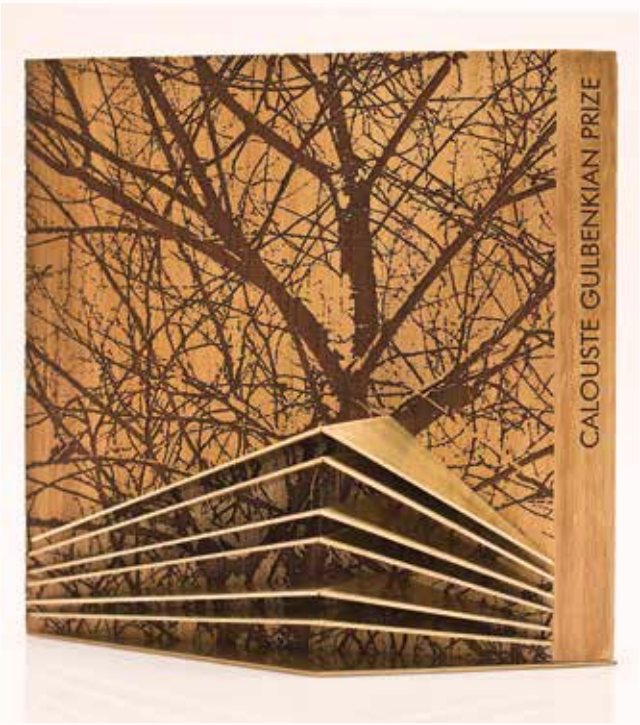
Prémios Gulbenkian
Candidaturas abertas

Até 31 de maio, podem ser submetidas as candidaturas aos Prémios Gulbenkian 2018.

Este ano, o Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 100 mil euros tem como foco a liberdade de expressão e destina-se a pessoas singulares ou coletivas que se tenham destacado na defesa e na concretização dos direitos humanos. Tal como no ano passado, os prémios nacionais, no valor de 50 mil euros cada, serão entregues a projetos nas áreas de Coesão, Sustentabilidade e Conhecimento. As candidaturas podem ser apresentadas diretamente, ou ainda por terceiros, quer por instituições, quer por pessoas em nome individual (desde que estas não representem entidades coletivas).

A decisão de atribuição dos Prémios, como habitualmente, será da responsabilidade do Conselho de Administração da Fundação, com base nas propostas dos dois júris constituídos para o efeito. O júri internacional é presidido por Jorge Sampaio, enquanto o júri nacional é liderado por António M. Feijó.

A apresentação e fundamentação das candidaturas deve ser feita, exclusivamente online, até ao dia 31 de maio. A entrega dos Prémios terá lugar a 20 de julho, nas comemorações do Dia Calouste Gulbenkian.



Estudo sobre as paróquias portuguesas

Um projeto de investigação apoiado pela Fundação Gulbenkian permitiu reconstituir, de forma exaustiva e sistemática, a atividade paroquial do clero no Estado liberal português, entre 1820 e 1911.

Desenvolvido pelo Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa, sob a coordenação de Sérgio Ribeiro Pinto, o projeto disponibiliza, em plataforma digital, os dados biográficos de cerca de 2 766 párocos e a sua passagem por 311 paróquias, registados no Patriarcado de Lisboa, entre o início do século XIX e o início do século XX.
O trabalho, intitulado "A Construção da Administração Pública. Os Funcionários Eclesiásticos do Estado Liberal no Espaço do Patriarcado de Lisboa (1820-1911)", levanta o véu sobre o clero – grupo social tantas vezes referido na literatura de Garrett, Herculano, Camilo ou Eça, mas sobre o qual cai um pesado manto de silêncio historiográfico. Mas também constitui um contributo importante para o estudo da génese e da evolução da Administração Pública portuguesa e para melhor se compreender a relação entre Estado e Igreja ao longo do século XIX e início do século XX.
Com este projeto, explica Sérgio Ribeiro Pinto, "propusemo-nos dar um primeiro passo para estudar como se articulava o centro e a periferia da Administração Pública portuguesa, em fase de construção e de progressivo desenvolvimento. Na qualidade de mediador simultâneo do Estado e da Igreja, o clero paroquial constitui um objeto de estudo particularmente relevante para se compreender melhor a relação entre ambos".



A sessão de apresentação do projeto, presidida por D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa, teve lugar na Universidade Católica de Lisboa e contou com a presença de José Tolentino de Mendonça, vice-Reitor daquela Universidade, de Rui Vieira Nery, diretor do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas e de Paulo de Oliveira Fontes, diretor do CEHR.

A plataforma pode ser consultada em:
http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/CleroSecular/index.php/.

Uma aposta em cientistas-gestores

Curso de Gestão de Ciência para investigadores dos PALOP trouxe investigadores de Angola, Cabo Verde e Moçambique a Lisboa. A segunda fase da iniciativa está marcada para setembro, em Barcelona.

Vieram de Angola, Cabo Verde e Moçambique até Lisboa para participar no curso de Gestão de Ciência. Ao longo de uma semana, os 14 investigadores assistiram a sessões teóricas, ministradas por João Caraça, Tiago Santos Pereira, Sandro Mendonça, Núria Casamitjana e Eusébio Macete, e visitaram o Instituto Gulbenkian de Ciência e o Instituto de Medicina Molecular, nos quais ficaram a conhecer a orgânica, o modo de funcionamento e de que forma são geridos os projetos dentro de cada um destes centros de investigação.

Nascido de uma sugestão de Eusébio Macete, diretor do Centro de Investigação em Saúde de Manhiça, Moçambique, o curso teve como objetivos principais a promoção do conhecimento em liderança e gestão em ciência nas instituições de investigação na área da saúde. Foi abordada a importância de acompanhar as últimas tendências da investigação em saúde global e a necessidade de planeamento estratégico – nomeadamente no que toca às dinâmicas de financiamento de projetos – como forma de impulsionar o sector.

Mas não só. "É muito importante mostrar-se o que se faz para atingir os objetivos." Foi no decorrer do curso que Jocelyne Vasconcelos, diretora-adjunta científica do Instituto Nacional de Saúde Pública de Angola, se apercebeu da importância da comunicação e da imagem para a candidatura a financiamentos.

Eusébio Macete, mentor da iniciativa, explica: "[Era] preciso apoiar a comunidade científica regional africana e esta é uma das áreas de maior necessidade e em que muitos querem fazer formação – formação que não existe. Os gestores que vêm da área da gestão não têm uma formação harmonizada com a ciência." No seu entender, é necessário dar aos financiadores (que, em África, são sobretudo da comunidade internacional) confiança na utilização dos recursos.

A segunda fase do curso em Gestão de Ciência – promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com a Fundação La Caixa – está marcada para setembro, em Barcelona.

International Research Scholars na Fundação Gulbenkian

Pela primeira vez, cientistas do programa International Research Scholars reuniram-se, em fevereiro, na Fundação Gulbenkian, para discutir os avanços mais recentes nas suas investigações.



GRUPO DE CIENTISTAS DO PROGRAMA *INTERNATIONAL RESEARCH SCHOLARS* © MARIA BICKER

Neste encontro, os cientistas abordaram tópicos da Biologia à Medicina, discutindo questões como estas: o que faz surgirem os patogénios e porque se tornam alguns resistentes a fármacos antimicrobianos? Como eliminar células estaminais malignas sem causar dano às células estaminais normais? Como é que a atividade do cérebro infuencia a capacidade do sistema imunológico de encontrar e destruir tumores?
Financiado pelo Howard Hughes Medical Institute, a Fundação Bill & Melinda Gates, a Wellcome Trust e a Fundação Calouste Gulbenkian, o programa *International Research Scholars* procura fomentar o talento científico em todo o mundo, apoiando cientistas em início de carreira que queiram desenvolver programas de investigação criativos e de excelente qualidade científica. Entre os cientistas de todo o mundo selecionados no ano passado, encontram-se três investigadores que trabalham em Portugal: Ana Domingos, do Instituto Gulbenkian de Ciência, Catarina Homem, do Cedoc – Centro de Estudos de Doenças Crónicas, e Joe Paton, da Fundação Champalimaud.

Ambientes por Guillaume Pazat



"Ambicioso, rico e denso", foram as referências da crítica francesa ao concerto da Orquestra Gulbenkian, dirigida por Laurence Equilbey, na Sala Pierre Boulez da Philharmonie de Paris, que contou ainda com o Coro Accentus, a soprano Miah Persson e o barítono Thomas Hampson.



GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa